



# **Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS**

---

**ABIA 25 Anos**

**30 anos de AIDS: a história social de uma epidemia e a resposta brasileira**

**Rio de Janeiro, 8-9 de Agosto de 2012**

---

**Roda de Conversa**

**O Legado do Betinho: Solidariedade, Direitos Humanos e HIV**

**Jane Galvão**

**8 de Agosto de 2012**

Queridos amigos e amigas da ABIA e demais participantes,

Agradeço de coração o convite para participar deste evento. Infelizmente, não pude comparecer, mas escrevi algumas palavras para, de alguma forma, estar presente com vocês neste encontro que discute, entre outros tópicos, o momento importante — e difícil — pelo qual estão passando a ABIA e diversas organizações da sociedade civil brasileira que trabalham com HIV/AIDS, incluindo grupos de pessoas soropositivas.

Nos últimos 30 anos, a resposta à AIDS no Brasil teve momentos excepcionais e momentos trágicos, muitos dos quais serão lembrados neste encontro.

De uma maneira geral, vivemos um momento de euforia mundial raramente vivenciado nesses 30 anos de HIV/AIDS. Entre os motivos, podemos citar a ligação, cientificamente comprovada, do tratamento com a prevenção; a recente aprovação, pelo FDA (órgão governamental dos Estados Unidos com atribuições semelhantes à nossa Anvisa), do antirretroviral Truvada para profilaxia pré-exposição ao HIV; e a discussão — apresentada em várias conferências internacionais — acerca da cura da AIDS. No entanto, apesar desses e outros motivos para euforia, nunca vivemos uma crise tão intensa da resposta da sociedade civil brasileira à epidemia.

Um ponto que, seguramente, sempre foi um problema é a sustentabilidade das organizações da sociedade civil com atividades em HIV/AIDS. Uma dificuldade crônica de captação de recursos financeiros sempre assolou, de maneiras distintas, o trabalho das ONGs/AIDS brasileiras. Mas as dificuldades nesse campo eram dribladas, bem ou mal, com criatividade, compromisso e muito, muito trabalho (incluindo trabalho não remunerado) por parte de centenas de ativistas.

Entretanto, a crise financeira enfrentada pelas ONGs/AIDS brasileiras, sobretudo nos últimos dois anos, é completamente diferente. Vivemos uma crise estrutural que, no momento, está atingindo com força o setor não governamental, mas seguramente ultrapassará os trabalhos da sociedade civil organizada e afetará a resposta nacional como um todo.

### **Se Betinho estivesse vivo, o que diria deste momento?**

Provavelmente, ele lembraria que a participação da sociedade civil é indispensável para a implementação de estratégias de prevenção e tratamento eficazes. E sem a existência de uma sociedade civil forte, continuaria ele, o controle social e ações de reforço da cidadania e direitos humanos ficam seriamente comprometidos. Mencionaria a campanha “Salve o sangue do povo brasileiro”, de 1988, que resultou na proibição, garantida pela Constituição brasileira, do comércio do sangue no país. E ele também acrescentaria as ações que resultaram, em 1996, na Lei 9.313, que assegurou a distribuição gratuita, pelo sistema público de saúde, de medicamentos para pessoas com HIV/AIDS.

Talvez Betinho ficasse contente com a nomeação, em julho de 2012, do médico e antropólogo Jim Yong Kim para a presidência do Banco Mundial, por saber que o novo presidente tem envolvimento em saúde pública e foi diretor do Departamento de HIV/AIDS da Organização Mundial da Saúde. Betinho ouviria com prazer o discurso de abertura proferido por Jim Kim na 19ª Conferência Internacional de AIDS, ocorrida em julho deste ano. Logo no início de sua fala, o presidente do Banco Mundial citou várias vezes e de maneira enfática, a importância do movimento social e dos ativistas na resposta à AIDS, mencionando, inclusive, o Grupo Pela Vidda por fazer parte, segundo suas próprias palavras, de “um dos movimentos mais extraordinários” já vistos mundialmente.

Mas, com certeza, Betinho veria, com profundo desgosto, o atual momento enfrentado pelas organizações da sociedade civil brasileira. Em um artigo de 2005, para celebrar os 70 anos de nascimento de Betinho, escrevi que, a respeito da AIDS, ele quase sempre acertava. Um de seus poucos erros foi prever um tempo curto para a existência da ABIA, entidade que ele próprio ajudou a criar em 1986. Segundo ele, a instituição poderia acabar em poucos anos após sua criação, ou porque a cura para a AIDS seria descoberta, ou porque a resposta do setor público estaria tão forte que tornaria a ABIA dispensável. Infelizmente — e não é somente o caso da ABIA —, a previsão pode, hoje, se concretizar. Sim, a instituição pode acabar, mas por motivos outros além dos elencados pelo Betinho.

### **Mas, se estivesse vivo, o que faria Betinho para mudar a situação?**

1. Talvez, primeiro, chamaria os aliados mais próximos para tomar cerveja.
2. Num segundo momento, comentaria que a situação requer medidas drásticas. Mas, com humor, citaria o aprendizado de crises anteriores e acrescentaria que aceitar dinheiro do jogo do bicho estaria fora de cogitação.
3. Em seguida, traçaria estratégias de *advocacy* e comunicação que incluiria o envio de cartas e *e-mails*, informando para Deus e todo mundo a situação delicada em que se encontram as ONGs/AIDS. Vale acrescentar que Betinho era bastante criativo quanto a mobilizações e, então, buscaria maneiras de incluir novos mecanismos de comunicação, como o Facebook e o Twitter.
4. Logo depois, publicaria, nos principais jornais do país, artigos em que comentaria, com certo sarcasmo, a incongruência de um país que está entre as maiores economias do mundo e é um protagonista cada vez mais influente no cenário da cooperação internacional na área de saúde, mas sem conseguir financiar devidamente as ações locais/nacionais desenvolvidas pela sociedade civil.
5. Pediria audiências com autoridades e programaria reuniões com doadores, incluindo não somente potenciais doadores, mas também aqueles que deixaram de financiar programas e projetos de AIDS no Brasil. A sua principal mensagem seria que falar de uma resposta nacional à AIDS sem a participação da sociedade civil organizada é como falar de tratamento sem prevenção ou vice-versa.
6. Por meio de sua maneira 'ecumênica' de agir, convocaria artistas, cientistas sociais, religiosos de diferentes tradições, acadêmicos, representantes de outros movimentos sociais, médicos, políticos, entre outros, para ampliar as vozes de apoio à causa e convocaria todos e todas para uma maciça mobilização social.
7. Como principal resultado dessas estratégias, esperaria que a sociedade percebesse que a continuação da resposta bem-sucedida do Brasil à epidemia de HIV/AIDS não é possível sem o envolvimento e financiamento das ações das ONGs/AIDS, incluindo os grupos de pessoas soropositivas.
8. E, mesmo com todo esse trabalho, se nada mudasse, Betinho seguiria adiante. Derrota era uma palavra que não fazia parte de seu vocabulário, sobretudo quando sabia que a luta era justa. Derrota era algo que Betinho gostava de infligir aos outros. E acrescento que deveria ser uma derrota com gosto de vergonha, um sentimento que devem sentir todos aqueles que não apoiam e sustentam, nos momentos mais necessários, instituições democráticas que historicamente lutaram — e ainda lutam — por melhores condições de vida da população brasileira.

Mas gostaria de enfatizar, apesar da situação atual crítica e desanimadora, que as ONGs/AIDS brasileiras, por tudo o que realizaram em todos esses anos, têm muito que celebrar, sobretudo a ABIA.

Sem as organizações da sociedade civil, não teríamos, hoje, os ganhos que ainda fazem o Brasil ser considerado no cenário internacional — apesar das dificuldades internas —, um sucesso na resposta à epidemia de HIV/AIDS.

A resposta do movimento social brasileiro à epidemia de HIV/AIDS é parte de algo maior que, dentre várias conquistas, integrou os direitos humanos como parte da agenda de saúde pública, e criou o conceito de 'sexo seguro'. Sem a manutenção e a existência das ONGs/AIDS a resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS corre o risco de retroceder e perder um dos componentes mais dinâmicos.

Por fim, gostaria de dizer que para mim um dos maiores legados do Betinho é o profundo entendimento que o exercício da cidadania, para ser plena, tem que ser sinônimo de uma sociedade civil forte, na qual, dentre outras coisas, o acesso à saúde é um direito humano básico.

Isso nos ajuda a lembrar que Betinho deu corpo e voz a conceitos como 'solidariedade' e 'democratização da informação' e que ele e a ABIA sempre enfrentaram a AIDS não somente como uma doença, mas como algo mais complexo que revela outras dimensões sociais. E hoje, mais do que nunca — sobretudo considerando o cenário atual da epidemia do HIV/AIDS no Brasil — tais conceitos mostram a sua atualidade.

**Dedico estas palavras a todos e todas que se foram e mostraram que, apesar de o caminho ser árduo, a luta é justa. Como diria Herbert Daniel, viva a vida!**

**Obrigada.**